

SESSÕES DO PLENÁRIO

38ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 30 de junho de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 310 anos da Igreja Nossa Senhora da Piedade e dos Frades Capuchinhos, proposta pelo deputado Marcelino Galo.

Convido para compor a Mesa o proponente desta sessão que aqui já se encontra, deputado Marcelino Galo; o coautor desta proposição, deputado Yulo Oiticica, hoje ouvidor-geral do Estado; o Sr. Ministro Provincial dos Frades Capuchinhos da Bahia e Sergipe, Frei Liomar Pereira; o Sr. Ecônomo dos Frades Capuchinhos da Bahia e Sergipe, Frei Cristóvão; o Sr. Guardião do Convento, Frei Urbano; o representante da Arquidiocese de Salvador, Frei Jorge Rocha; o Sr. Secretário da Igreja da Piedade, Frei Manoel; o Sr. Diretor do Museu da Igreja da Piedade, Frei Ulisses; o Sr. Responsável pela Igreja da Piedade, Frei Luciano; o Sr. Presidente da Renovação Carismática, Agnaldo Borges Brito; o Sr. Coordenador da Pastoral da Criança Bahia e Sergipe, nosso querido companheiro Cosme Oliveira; a Srª Georgina Araújo, representante da comunidade da Paróquia Nossa Senhora da Piedade, a única mulher, mas a mais ovacionada. (Palmas)

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): - Bom-dia aos senhores e senhoras, nós nos sentimos muito honrados de ter a presença de todos aqui. Eu, proponente desta sessão, e seu coautor, deputado Yulo Oiticica, sentimo-nos muito felizes de podermos fazer essa grande e merecida homenagem. Queria dizer aos senhores que a história até foi generosa conosco. Na verdade, sou agrônomo, militei a minha vida na reforma agrária e, em diversos períodos, tive a oportunidade de, na luta dos camponeses pobres, encontrar-me com vários freis, honrando-me por tê-los encontrado, tendo ali uma forte vinculação e também no sentido de fortalecer essa luta.

Então, tive a honra de conhecer Frei Chico, que, hoje, sei ter um problema de

saúde e de ter uma virtude que, na verdade, só pode ser divina. Eu era superintendente do Incra e ele chegava ali, junto com os camponeses, para reivindicar a sua luta justa pela terra, ficava sentado em um banquinho, e, quando eu passava, ele dizia “só saio daqui quando o senhor puder atender-me.”Então, não tinha como não atender Frei Chico. Eu lhe dizia que usava uma estratégia “gandhiana”. Na sua luta pacífica e com aquela presença tão forte éramos obrigados – claro que era um grande prazer –, com aquela sua força, a atendê-lo.

Também tive a oportunidade de conhecer Frei Vantuir, que morreu em um acidente, também ajudando a organizar os camponeses, e fizemos vários assentamentos, numa época difícil, quando tínhamos de nos reunir escondidos, o que fazíamos nos conventos, nos espaços da Igreja.

Trabalhei com Frei Dilson Santiago. Assim, sinto-me hoje feliz porque a história me deu essa oportunidade de poder homenagear não só vocês capuchinhos, mas, principalmente, os 310 anos da Igreja da Piedade que o Papa Francisco, esse papa também... Porque sou aqui presidente da Comissão de Direitos Humanos e sou coordenador da Frente Ambientalista. E o documento da contemporaneidade que mais reuniu e colocou de forma tão precisa para o mundo foi justamente a encíclica Louvado Seja, que coloca a questão do meio ambiente mas que também coloca a questão social. Sem resolver o problema da pobreza, da miséria no mundo, não se pode resolver a questão do meio ambiente e também as principais consequências da destruição do meio ambiente, das mudanças climáticas, das alterações que vemos hoje no ambiente, no mundo, que, efetivamente, causa sérios prejuízos ao povo pobre.

Então, o Papa Francisco soube muito bem colocar isso na sua encíclica, de forma que, hoje, é uma das maiores referências para a nossa luta dos direitos humanos e da questão ambiental no mundo, é uma fonte onde a gente bebe.

Então, isso tudo reunido dá uma grande satisfação, uma grande alegria ter vocês aqui nesta Casa, que é a Casa da política, nem sempre orientada para servir aos interesses do povo e principalmente do povo pobre, principalmente neste momento em que houve um golpe contra a democracia, em que se organizaram de forma precisa para usurpar o poder que foi delegado pelo povo através do seu voto. Aqui vamos fazer uma reflexão para que essa luta continue justamente afirmando direitos sociais, que não podem ser roubados por essa turma, afirmando a democracia neste País.

É uma honra muito grande. Sinto-me extremamente honrado por ser o proponente desta sessão, junto com o deputado Yulo Oiticica, cuja presença na Mesa quero saudar. Saúdo aqui o frei Liomar Pereira, ministro provincial dos frades capuchinhos da Bahia e Sergipe; o frei Cristóvão, Sr. Ecônomo dos frades capuchinhos de Bahia e Sergipe, que tive a honra de conhecer, visitando o convento, para também rememorar essas relações que na nossa vida tivemos com os frades capuchinhos.

Saúdo o Sr. Frei Jorge Rocha, guardião do convento da Arquidiocese de Salvador, é um prazer tê-lo aqui; o Sr. Secretário da Igreja da Piedade, que em 1º de

agosto passa a ser Santuário, e isso é muito importante para a fé e a religião do nosso Estado; o Sr. Frei Ulisses, diretor do museu, a quem gostaria de agradecer, pois ele nos acompanhou na visita ao museu, com uma generosidade muito grande; o Sr. Frei Luciano, responsável pela Igreja da Piedade; o Sr. Agnaldo Borges Brito, presidente da Renovação Carismática; o Sr. Cosme Oliveira, coordenador da Pastoral da Criança na Bahia e Sergipe, que tem esse trabalho brilhante, tão necessário a uma sociedade tão desigual como a nossa; e a Sr^a. Georgina Araújo.

Saúdo a todos vocês, como presidente da Comissão de Direitos Humanos e profundo admirador da Ordem dos Frades Capuchinhos, e também pela importância religiosa, histórica, da Igreja da Nossa Senhora da Piedade para a cidade do Salvador e para a Bahia, essa igreja que completa 310 anos de fundação e que será elevada no próximo dia 1º de agosto à categoria de Santuário Nossa Senhora da Piedade.

(Lê) “Durante minha militância profissional e atuação política, estive muito próximo dos frades capuchinhos. Lembro aqui, com carinho, de frei Chico, com quem, durante a minha passagem pela superintendência do INCRA, por diversas vezes, atuei em conjunto na luta por reforma agrária e em especial pelos trabalhadores sem-terra do município de Esplanada, no Extremo Sul e outros locais.

A história dos capuchinhos no nosso Estado contribui diretamente com a formação da Bahia e as lutas do nosso povo. Os capuchinhos chegaram ao Brasil em 1612 e se fixaram primeiramente em São Luís, no Maranhão. Somente em 1670 chegaram às terras baianas os primeiros missionários capuchinhos (franceses da Bretanha), com o intuito de catequizar os índios kariris no sertão. Em 1679, iniciou-se a Missão do Rio São Francisco, liderada pelos capuchinhos franceses.

Salvador passou a ser oficialmente província dos Frades Menores Capuchinhos dos Estados de Bahia e Sergipe, tendo por patrona Nossa Senhora da Piedade, em 2 de julho de 1683. A Província capuchinha da Bahia e Sergipe fundou o Hospício da Piedade em 1688, por meio da luta e empenho do Frei Luís.

Portanto, a bem da história e da justiça, é preciso registrar que os capuchinhos italianos conquistaram o povo baiano. E essa conquista se deve muito tanto à obra de caridade quanto à pregação. A história registra que os capuchinhos franceses foram expulsos de Salvador, acusados pela Coroa de serem intermediários durante a ocupação holandesa. Disso resultou que o Hospício da Piedade, hospício aqui usado no sentido antigo, de mistura de hospedaria com lugar de tratamento, ficou vago durante quatro anos.

Ocorre que a Coroa portuguesa não desejava que os italianos permanecessem na Colônia por causa da ligação deles com a Santa Sé, no entanto, pelo patrocínio de Garcia D' Ávila, os capuchinhos voltaram ao Brasil.

A Bahia era um ponto de distribuição de missionários para as missões da África, por isso frei Francisco de Monteleone propôs a revitalização do Hospício da Piedade para acolher os frades no intervalo das missões, onde eles pudessem revitalizar suas energias e continuar o trabalho. Numa carta datada de 21 de fevereiro

de 1705, o núncio Dom Michelangelo Conti anunciou que o Hospício da Piedade seria entregue aos frades, juntamente com os decretos régios de Dona Catarina da Grã-Bretanha, infante de Portugal, outorgando ao governador D. Rodrigo da Costa a missão de entregar o convento aos missionários capuchinhos italianos. O governo português cumpriu a decisão, estabelecendo, no entanto, algumas normas, como a restrição da recepção somente dos missionários da África, e que não houvesse nenhum tipo de ação missionária na Bahia, utilizando como pretexto o fato de que nas terras brasileiras já havia grande número de missionários cuidando da evangelização dos gentios.

Essa história retrata a resistência dos frades capuchinhos e o amor dedicado aos fiéis no nosso Estado. E o grande símbolo desta relação com a nossa gente, com certeza, é a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, ela, que já foi demolida e reconstruída a partir do ano de 1809 e entregue ao culto em 1825.

Essa igreja é uma imponente referência para os historiadores, uma vez que ali se encontram diversos arquivos sobre as missões realizadas na Bahia, obras sacras belíssimas, registros e cartas da Coroa portuguesa e várias outras preciosidades que ajudam a interpretar a história do Brasil e da Bahia.

Tive o prazer de conhecer a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, a biblioteca, as obras de arte, o arquivo, a sala de restauração e outras dependências do convento que me impressionaram pelo cuidado, importância histórica e sua arquitetura.

Portanto, essa é uma obra de muitas gerações e ainda será de muitas outras que virão.

É preciso salientar aqui, mais uma vez, que essa igreja passará à condição de santuário, o que amplia a importância religiosa, cultural, histórica e turística da Igreja da Piedade. Isso em um contexto em que a própria Igreja Católica criou a Pastoral do Turismo, que pode contribuir muito para a cultura e a economia da Bahia, e, por isso mesmo, precisa do apoio do nosso governo do Estado, motivo pelo qual nos colocamos à disposição para intermediar parcerias que fortaleçam essa iniciativa.

A Bahia celebra os 310 anos da Igreja da Piedade, futuro santuário de Nossa Senhora da Piedade. É celebrar muito, porque faz parte da nossa história, de nossa cultura e da fé do nosso povo.

Viva a Igreja da Piedade! Viva os freis capuchinhos!”

Muito obrigado pelos serviços prestados ao nosso povo. Um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Passo a palavra ao coautor deste evento, o nosso deputado Yulo Oiticica, hoje ouvidor-geral do Estado, neste ato representando o governador do Estado.

O Sr. YULO OITICICA:- Bom-dia a todos e a todas.

Nem sempre, não vou dizer quase nunca, esta Casa está tão repleta de homens e mulheres de Deus. Portanto, que tragam cada vez mais essa energia e essa fé de que outro mundo é possível e que todas as leis têm que ser fruto do amor, da solidariedade, da preocupação de um com o outro.

Portanto, ter os freis capuchinhos hoje na Assembleia Legislativa é um orgulho para todos nós parlamentares e ex-parlamentares.

Quero saudar o deputado Marcelino Galo, que é o autor desta sessão especial, pelo olhar atento a instituições tão sérias e importantes, centenárias, como esta. A Assembleia Legislativa precisa beber cada vez mais na sabedoria da história e da fé com ações concretas que tem a congregação dos freis capuchinhos para que a gente possa cada vez mais, verdadeiramente, representar e exercitar o Parlamento como algo que seja para melhorar a vida das pessoas.

Quero saudar o frei Liomar Pereira, que, hoje, é quem tem a tarefa, como provincial, de acompanhar a ação dos seus, com uma responsabilidade, com uma capacidade de ternura e posição que não é fácil conduzir no processo que vivemos da humanidade, em que a democracia é a grande riqueza, mas o convencimento é a grande forma de comandar, não mais a lógica do passado de determinar, de ordenar, mas de convencer e de conduzir o seu rebanho.

Quero saudar o frei Jorge que tem a tarefa importante, hoje, no Convento, de guardar. E obviamente que se guarda não só o que se tem de material, guarda-se, sobretudo, o imaterial, para que ele continue sendo presença de fé no meio de nós; Frei Manoel, que é secretário da Igreja da Piedade; o Diretor do Museu da Igreja da Piedade, Frei Ulisses; representante responsável pela Igreja da Piedade, Frei Luciano; o da Renovação Carismática, Agnaldo Borges Brito, que é também, sem dúvida, alguém que bebe constantemente nessa fonte para fortalecer a sua caminhada de fé, que faz da Renovação Carismática uma expressão importante em toda a sociedade, não só entre nós, católicos; saudar o coordenador da Pastoral da Criança do nosso Regional, esse grande homem, quando olhamos para Cosme, com essa estatura extraordinária – vocês já perceberam que ele é bem alto, ele é do meu tamanho – lembramos que Rui Barbosa dizia que o homem se mede do pescoço para cima; portanto Cosme é desses, determinado, que faz da Pastoral da Criança uma referência mundial, onde vários países copiam a experiência da Pastoral da Criança, e Cosme, hoje, à frente do nosso regional, Nordeste III, Bahia e Sergipe; saudar, por último, mas com toda a reverência, Georgina Araújo, que representa aqui a comunidade da Paróquia da Piedade, e dizer, Georgina, que você possibilita a nós, homens, a Mesa mais bonita, com um sorriso e a expressão sempre marcantes das mulheres no meio de nós; saudar também o nosso amigo, companheiro, Joceval Rodrigues, vereador da nossa capital, que também faz um trabalho importante, combativo e que representa parte do nosso segmento naquela Casa tão importante, que precisa refletir, cada vez mais, a vida do nosso povo.

Muito rapidamente, dizer que Francisco de Assis dizia que basta um raio só de sol para acabar com muitas sombras. Portanto, por maior que seja a sombra ou por

mais que a sombra nos impeça, muitas vezes, de enxergar o que está muito próximo de nós, qualquer raio de sol é capaz de fazer com que ela não mais exista.

É nesse sentido, Padre Cristóvão, que vocês são esse raio, esse raio da presença de Deus. É exatamente a presença de Deus que possibilita o fim das sombras, é a presença de Deus que ilumina os caminhos. Por isso Francisco foi, é, e será uma grande referência para todos nós. Temos conversado muito e temos refletido sobre a presença de um novo Francisco em evidência na nossa igreja. Se um dia a Igreja Católica, diácono Itamar, tanto precisou de um Francisco de Assis, hoje não temos dúvida de que precisava de um Francisco latino-americano. Brasileiro em ritmo de Olimpíadas não quer falar argentino, aí fala sul-americano. Na verdade, o Papa Francisco vem para renovar a nossa igreja, vem como expressão contemporânea de Jesus Cristo no meio de nós, um homem capaz de dizer toda a verdade, por mais complexa, por mais delicada que seja a verdade, é alguém que acabou de chamar genocídio, de genocídio.

Portanto, se Nelson Rodrigues dizia que só os profetas enxergam o óbvio, dizendo que nunca é fácil, ou, nem sempre é fácil enxergar o óbvio, Francisco, o nosso Santo Padre, tem a coragem profética de revelar ao mundo, o que é o mundo. Quando ele pega famílias de refugiados e leva para morar no Vaticano, ele diz que esses marginalizados, refugiados da guerra, da miséria e da truculência humana, têm lugar, inclusive, onde mora o Papa, têm lugar, inclusive, junto ao Santo Padre. Ele quer dizer que esses refugiados são tão importantes quanto ele.

Portanto, não há maior expressão de fé do que a ação concreta. E não fui eu nem o Frei Cristóvão quem disse que a fé sem obras é morta. É exatamente isso. A expressão dos capuchinhos no meio de nós, deputado Marcelino Galo, é exatamente o que você relata aqui, numa presença muito marcante nesses últimos 310 anos. A Praça da Piedade, se hoje é Centro, ontem era o único Centro. O Centro onde, se de um lado da praça foram assassinados heróis brasileiros, do outro lado da praça era, e continua sendo, distribuído o pão.

Pão que não tem gosto de esmola, pão que tem gosto de solidariedade. Pão que tem gosto de Deus, pão que, mais do que sabor de feijão, tem sabor de Deus, tem cheiro não de trigo... aquele pão que vocês distribuem tem cheiro de Evangelho.

Quem tem acesso àquele pão não só ilustra a frase que diz: “saco vazio não se põe em pé”. É mais do que isso. Diz que nós só nos manteremos em pé se formos capazes de perceber o outro como a nós mesmos. A palavra de ordem do século XXI não é tecnologia, não é o avanço da ciência, não é o homem explorando as galáxias, descobrindo os novos planetas, não são as células-tronco.

Se é verdade e inegável – e presença de Deus – a capacidade de criar do homem, e não podemos negar, mais do que isso a presença de Deus é ter a coragem de enxergar a fome do outro e perceber que a oração mata a fome de Deus e nos conduz, mas o pão é dignidade humana. Quando Jesus disse: “Nem só de pão vive o homem”, ele também estava querendo dizer que também de pão vive o homem.

Portanto, a presença dos capuchinhos no meio de nós é exatamente isso, a certeza, padre Cristóvão, de que vocês merecem da Assembleia Legislativa respeito e deferência, que vocês merecem de todos nós, católicos, a admiração e a certeza de que é uma fonte e vai continuar sendo essa fonte cada dia mais.

Não é à toa que o processo tão delicado e complexo de elevar um espaço como esse a santuário foi feito de forma tão célere pelo nosso papa. Francisco só fez ao Convento da Piedade o justo reconhecimento de toda a humanidade ao trabalho centenário desses homens e mulheres que tanto deram a vida e que têm a coragem, Marcelino Galo – como você colocou aqui –, inclusive de recontar a história.

Como o frei Luís Cappio fez na Diocese de Barra, quando construiu a romaria dos mártires para dizer que aqueles que lutaram contra a ditadura militar, longe de serem bandidos ou terroristas, eram brasileiros e brasileiras que ousavam construir e consolidar a democracia.

Portanto, é essa coragem de não só contar a história de verdade, mas construir e continuar construindo a história de solidariedade, que é fundamental para nós.

São Francisco de Assis foi capaz, se é verdade... um jovem de classe média alta, com o pai grande comerciante, foi capaz de, menos do que enxergar os cifrões da sua família, enxergar a fome do outro e fazer de nós, seres humanos, homens e mulheres capazes de enxergar Deus nos pássaros, nas árvores, nos rios.

Portanto, se nós podemos pagar – nós humanidade, não é só nós Assembleia Legislativa, nós católicos – um pouco do muito do que os capuchinhos fizeram pelo Brasil, de modo bem especial pela Bahia, é fazendo desse momento um momento de respeito, de admiração, de louvor, de consideração ao extraordinário trabalho de vocês, dizendo que nós podemos, também, e devemos, enxergar o próximo e garantir que um outro mundo é possível, não fruto da vã filosofia, mas fruto da coragem de dizer a verdade, de denunciar a injustiça, de anunciar o reino de Deus, profeticamente denunciando o reino de morte.

Portanto, vida longa à esta instituição.

Como Assembleia Legislativa e como representante do governador Rui Costa, que estará no dia 1º de agosto fazendo essa importante homenagem a todos vocês, quero dizer que continuem também dentro daqueles muros resistentes orando para quebrar o muro de individualismo dessa raça que é a raça humana, que muitas vezes prefere perceber e lutar pelos seus interesses, achando que é possível construir um mundo melhor só para si. Ou teremos um mundo melhor para todos ou não teremos um mundo melhor para ninguém. Que Francisco de Assis seja nossa referência de vida, de testemunho no exercício das nossas profissões, seja ela qual for.

Portanto, lembrando Francisco de Assis, bom dia a todos; mas também, bom dia, Sol.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): - Agradeço ao coautor desta proposição. Na verdade, pelo protocolo, seria o último a falar por representar o governador, mas como é autor também, teria que falar logo a seguir.

Gostaríamos de registrar as presenças do vereador de Salvador, Joceval Rodrigues; Francelina Silva Santos, representando o Coronel Augusto Gomes Souza e Silva, chefe da Casa Militar do governador. Muito obrigado a todos.

Agora vamos assistir uma apresentação de duas músicas medievais com a participação das professoras Judith Leite e Cristina Nascimento.

(Apresentação Musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço a belíssima apresentação das professoras.

Quero registrar a presença de João Carlos que é agente de proteção, ministro da Igreja de São Lázaro; do Padre Jorge Brito que gosta daquele lugar ali, sempre senta ali no cantinho de forma muito humilde; de Isabel Andrade, vice-diretora do Ceep; de Rita Sacramento, coordenadora da Ouvidoria-Geral; de Marco Antônio, agente de proteção do Juizado de Menores; de Itamar Mendes Souza Filho, presidente da Comissão Arquidiocesana de Diáconos.

Agora, ouviremos as palavras do ministro provincial dos Frades Capuchinhos de Bahia e Sergipe Frei Liomar Pereira.

O Sr. FREI LIOMAR PEREIRA: - Exmº Sr. Deputado estadual Marcelino Galo que preside esta sessão solene e que ao mesmo tempo é o proponente da homenagem a nós Capuchinhos; Exmº. Ouvidor-geral do Estado da Bahia Sr. Yulo Oiticica; Exmº. Sr. Joceval, vereador da nossa cidade, e sua esposa Cátia; Revmº Frei Jorge Rocha, guardião da Fraternidade Frei Urbano e representante do nosso querido arcebispo metropolitano de São Salvador da Bahia e primaz do Brasil Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger. Na sua pessoa, Frei Jorge, saúdo os demais membros que compõem conosco esta Mesa. Saúdo ainda a irmã Herlina Imaculatina; a policial Francelina; nas pessoas dos nossos Freis Gabriel e Gregório saúdo os nossos demais confrades; de modo muito particular e especial saúdo a Srª. Jeorgina Bispo Araújo, representando os fiéis da nossa igreja e futuramente Santuário da Senhora da Piedade.

(Lê): “Hoje, 30 de junho de 2016, os Frades Menores Capuchinhos têm a oportunidade, pela primeira vez, de estar na Casa do Povo baiano, Assembleia Legislativa, para fazer parte como homenageados, assim se escreve um novo capítulo da história da nossa amada província Capuchinha de Bahia e Sergipe. Este novo capítulo tem seu introito escrito nesta Sessão Especial por ocasião dos 310 anos da construção da Igreja da Piedade e pela sua elevação canônica que passará a partir do dia 01 de agosto a ser Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Friso que estes acontecimentos para nós, frades capuchinhos, se perpetuarão na memória histórica da nossa província, como também nos anais desta Assembleia Legislativa, sobretudo, na

memória do povo baiano e sergipano. Como toda humildade e simplicidade franciscano - capuchinhos acredito ser os frades merecedores.

Por falar em merecimento, peço vênia para trazer uma frase lapidar do nosso filósofo Grego Aristóteles: 'a grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las'.

A história desta metrópole baiana é a maior testemunha desse merecimento. Como também nós somos testemunhas oculares desta Solenidade especial que homenageia a Província dos Frades Capuchinhos.

Interpreto esta Solenidade que a Assembleia Legislativa da Bahia, nos oferece na pessoa do Excelentíssimo Deputado Estadual, Marcelino Galo, e co autor, Yulo Oiticica, prestaram aos filhos de São Francisco, nós, Capuchinhos, é um reconhecimento pelos relevantes serviços prestados seja no âmbito pastoral, seja no âmbito social.

Nós Frades Capuchinhos, chegamos ao Brasil no século XVII, em 1612. Estabelecemo-nos no Maranhão. Posteriormente, vieram outros frades, que se estabeleceram na Bahia e no Rio de Janeiro. Até o fim do Império, tinham três conventos no Brasil (Recife, Salvador e Rio de Janeiro) de onde se irradiavam por todo o país, em missões que ajudaram a formar a Igreja no Brasil.

No início, eram Capuchinhos franceses; depois, italianos de diversas Províncias da Europa. Nessa época, diversas regiões do Brasil começaram a ser confiadas as Províncias europeias. Os Capuchinhos Trentinos foram para São Paulo, os Frades franceses foram para o Rio Grande do Sul, os de Veneza foram para o Paraná e Santa Catarina. Os de Milão foram para o Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. Os Frades das Marcas foram para a Bahia e Sergipe. Os da Úmbria foram para o Amazonas; de Siracusa vieram para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais. Em Minas Gerais, propriamente no centro, também acolheu capuchinhos de Messina.

Mas quero me deter, na verdade, à história dos Frades aqui na Bahia. A viva história da nossa amada Bahia, sendo mais preciso, a história da cidade do Salvador - Terra de Todos os Santos - atesta o relevante serviço religioso e social que os Frades Capuchinhos vêm prestando ao nosso povo soteropolitano.

Os Anais históricos confirmam que mesmo antes da nossa memorável Arquidiocese ter sido elevada, aos 16 de novembro de 1676, pela Bula “Inter Pastoralis Officii Curas” do Papa Inocêncio XI, tornando-se Arquidiocese e Sede Metropolitana, os primeiros Frades Menores Capuchinhos oriundos da França aqui já haviam-se instalado. Evocamos o dia, 03 de agosto 1671 a chegada dos primeiros Capuchinhos à Bahia, a grata memória do “grande apóstolo das missões do S. Francisco”, Frei Martinho de Nantes, missionário capuchinho francês. Foi um evangelizador incomum que com mais três companheiros bretões iniciaram a Missão evangelizadora em solo baiano.

Em 24 de março de 1678, os Capuchinhos conseguem através do Senado da Bahia enviar uma carta para o Príncipe regente, Dom Pedro II, pedindo a licença para

fundar um hospício (Lugar de hospedagem) e no dia 07 de janeiro do 1679 recebera o parecer favorável, confirmado no dia 11 de dezembro de 1679, pelo próprio Dom Pedro com a seguinte Carta Resposta: “Eu, o Príncipe regente e Governador dos reinos de Portugal, e Algarves, faço saber aos que ouvirem este alvará que tenho respeito a haver concedido licença aos padres capuchinhos franceses, para poderem erigir, e fabricar um hospício na cidade da Bahia de Todos os Santos”, em que se recolham os missionários que passarem ao Sertão ou deles vierem doentes; pela boa informação que tive de seus costumes, zelo, espírito, e contínuo desvelo com que se aplicam às missões, obrando nelas a serviço de Deus na redução daquele gentio povo à santa fé...” (Doc, hist. - biblioteca Nacional, XXVII, Rio do Janeiro, 1934, p. 250.)

A Igreja do Hospício, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, construída por Frei Martinho de Nantes com a frente para a Praça da Piedade no ano de 1706. A construção primitiva de uns poucos anos para cá, foi acrescentado mais piso, todavia, é provável que a construção se deva aos capuchinhos italianos, pois todos os historiadores são unânimes em afirmar que logo lhes foram entregues o hospício e a Igreja, os missionários reformaram e melhoraram uma e outro e tratando-se de proporções muito modestas, é possível que as reformas consistissem na reconstrução total.

Com o Decreto de Marquês de Pombal, os Capuchinhos foram expulsos do Brasil no ano de 1702, somente retomando suas atividades missionárias graças à regente Dona Catarina de Bretanha, aos 25 de fevereiro do 1705, mandou que se entregasse aos capuchinhos italianos o Hospício da Piedade, já dos franceses haviam sido expulsos e o Hospício estava vazio.

Quer dizer, que praticamente o Hospício ficou vazio pelo espaço de 04 anos e a Igreja também abandonada. Tendo como novo Superior do Hospício, frei André de Pávia, foi o responsável por trazer de Lisboa, em julho de 1706, a imagem de Nossa Senhora da Piedade.” Pois bem, há um testemunho que vale a pena ser lido: (Lê) “E José Antônio Caldas, em 1759, continua: 'Este Santuário, onde concorre toda a cidade e os seus religiosos, são o exemplo de virtude, em cuja igreja administra os sacramentos da Eucaristia e da Penitência e inumerável povo e são contínuos todos os domingos sermões doutriniais'.

E continua: 'Isso demonstra ter tido a igreja, o tamanho regular para permitir o desenvolvimento das funções litúrgicas e a administração dos sacramentos ao 'inumerável povo'. O Edifício sagrado bem se pode considerar monumento da fé e da generosidade do povo baiano, assim como do zelo esforçado dos Missionários Capuchinhos. Aos 13 de outubro de 1868, era anunciada a Sagração do Altar para o dia 15, pelo Arcebispo Dom Macedo Costa, relatando as cerimônias da sagração, observava que era a primeira que se fazia nesta Arquidiocese de São Salvador. Depois desta notável transformação, até o fim do século XIX, os trabalhos mais importantes foram em 1894 - 1895, sendo o superior do Hospício Frei Venâncio Maria de Ferrada.

Enfim, considerando, mais de três séculos de existência conforme os testemunhos históricos, os Frades Capuchinhos na Igreja da Piedade vêm

continuamente sendo um referencial da fé Católica e da espiritualidade franciscana, oferecendo ao longo desses 3 séculos a Santa missa, diariamente ao nosso povo soteropolitano e oferecendo a graça do sacramento e da penitência. Em virtude do que a Igreja da Piedade representa pela sua História, por sua monumentalidade, preciosidade artística e função pastoral.

Por estas sublimes razões tenho em meu coração que esta Sessão Especial que nos homenageia, em primeiro lugar, se estende a todos os frades capuchinhos do Brasil e do mundo, pois a nossa fraternidade não tem fronteira e não conhece limites: é uma fraternidade que derruba barreiras e constrói pontes, no dizer do Papa Francisco.

Depois, esta significativa homenagem não é um motivo de orgulho para nós, capuchinhos, ao contrário, é uma corresponsabilidade. Somos todos corresponsáveis pelo trabalho da igreja da Piedade aqui desenvolvido. No lugar de nos envaidecer, ela nos compromete ainda mais com a missão que precisamos desenvolver. E, ainda, é o reconhecimento dos méritos, não de um frade individual ou particular, mas é o reconhecimento da sociedade civil, indicando que nós, frades capuchinhos, estamos no caminho certo e somos fiéis à missão de pregar e viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo assim como São Francisco pregou e viveu!

Esta homenagem revela, ainda, que o nosso vínculo afetivo ficou mais estreito. Os nossos corações estão mais aquecidos pela força do Evangelho. O amor à Bahia, ao povo de Deus e, sobretudo, aos mais pobres fazem parte do nosso ser e de estar no mundo.

Srs. Deputados, confrades, sacerdotes, diáconos, amigos e amigas da Piedade, esta homenagem nos estimula a praticar a misericórdia divina. A nossa Igreja da Piedade logo mais será o Santuário Arquidiocesano e, assim, poderá continuar a repetir os gestos de São Padre Pio que, no dizer do Papa Francisco, foi ‘um servidor da misericórdia’ e ‘um apóstolo da escuta’ que se tornou, através dos ministérios da confissão e da eucaristia, uma carícia vivente de Deus que cura as feridas do pecado e asserena o coração com a paz.

Para finalizar, resalto a iniciativa do deputado estadual Marcelino Galo e do ouvidor geral do Estado, o Sr. Yulo Oiticica, em apresentar a solicitação a esta egrégia Casa do povo baiano para conceder esta importante homenagem a nós, frades capuchinhos.

Tal honraria é, sem sombra de dúvida, uma indicação justa e merecida por se tratar de fidelidade a uma consciência histórica. Trata-se de um reconhecimento e de um respeito para com a história dos capuchinhos que foi escrita com o suor dos nossos rostos e com as nossas mãos postas em preces. Ao falar da cidade do Salvador, escrever sobre a sua história, discursar sobre a Igreja e a evangelização nesta cidade através da arquidiocese, há, inevitavelmente, de se deparar com os franciscanos capuchinhos.

Nos anais da história do povo baiano, se constata a importante presença dos

capuchinhos no legado histórico nesta ilustre e amada cidade.

Salve os capuchinhos da Bahia e de Sergipe!

Enfim, resta-me expressar o meu mais sincero agradecimento.

Muito obrigado ao Sr. Deputado Marcelino Galo” por esta justíssima indicação.

Nobre (Lê) “frei Jorge Rocha, representante da Arquidiocese e do nosso arcebispo Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, nós o aguardamos carinhosamente para confirmar aquilo que o povo baiano já sabe: a Igreja da Piedade é o Santuário da Misericórdia. (Palmas)

Agradeço aos meus confrades capuchinhos pelas presenças significativas. Assim, agradeço aos nossos fiéis da Igreja da Piedade pelas presenças nesta solenidade tão bem representada pela Sr^a. Jeorgina Araújo.

Agradeço ao frei Cristóvão que fez esta ponte entre nós com o ouvidor geral do Estado, o Sr. Yulo. Agradeço, também, ao Sr. João Lúcio, assessor do ouvidor geral pela presteza e atenção para conosco.

Agradeço ao frei Luciano Martins, coordenador dos trabalhos pastorais e, ao mesmo tempo, desejo felicitações ao assumir, de acordo com o governo da província, o cargo de reitor da Igreja da Piedade. Hoje, nós, assim, o chamamos.

Agradeço, ainda, ao frei Gregório que, com disponibilidade e com alegria, acolheu o nosso convite para nos alegrar com a arte do canto. Agradeço aos freis Ulisses e Wesley que se prontificaram a preparar jogral e em contatar com a professora Judith, com a Sr^a. Cristina e seus alunos que abrilhantaram mais ainda com suas músicas medievais.

Aproveitando o ensejo, convido todos e todas para o próximo 1º de agosto de 2016, às 18h, participarem da solene concelebração eucarística a ser presidida pelo nosso arcebispo, o Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, durante a qual a nossa igreja da Piedade será erigida à dignidade de Santuário Arquidiocesano. Contamos com a presença de todos!”

Finalizo, portanto, este belíssimo momento ao recordar a fala de nossa ilustre baiana Maria Bethânia que muito me alegra e se faz presente neste painel aqui no plenário. Maria Bethânia, na reinauguração da Concha Acústica do Teatro Castro, em 13 de maio passado, disse: 'Reinaugurando a Conche Acústica em 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima, nós precisamos e o mundo precisa de misericórdia. Precisamos que ela estenda seu manto de luz e paz sobre cada um de nós.' E, aqui, concluo ao dizer que, certamente, nós precisamos da misericórdia divina. Desejo que a Igreja da Piedade seja a Casa da Misericórdia para todos aqueles que a ela acorram. Desejo que o Santuário da Piedade seja um pedaço abundante do manto de luz e de paz que a Mãe da Piedade oferece, cotidianamente, a todos nós: povo baiano.”

E, aqui, concluo o meu discurso.

Muito obrigado! Paz e bem! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer as palavras do frei Liomar Pereira que, aqui, representou os homenageados.

Agora, assistiremos a uma apresentação musical com o nosso companheiro Wesley com o título de Poemas e Música.

O Sr. Wesley: - A todos, bom-dia.

Como o anunciado, sou o frei Wesley de Salvador. Para os presentes aqui, sou, hoje, o único frade daqui da capital. E, como filho desta terra, sou, igualmente, apaixonado por ela. Foi ilustrado, nas falas do Sr. Deputado Marcelino, Yulo e do frei Liomar e, com certeza, virá ilustrado, também, na fala do frei Jorge, a história do Brasil, da Bahia e desta cidade do Salvador. E, nela, está intrínseca a história dos capuchinhos. Parece uma história de amor e algo que foi elaborado por Deus e que vem dando certo.

Trago, aqui, um poema redigido, elaborado, pensado e maturado por uma professora, uma educadora da cidade de Esplanada que estará contida na fala do deputado Marcelino Galo. Eu não tive acesso ao nome dela. Este poema me foi presenteado pela Sr^a. Maria Bernadete, conhecida como tia Dete, lá de Esplanada.

Depois, os meus confrades – o frei Alan, o frei Átila e o frei Rafael Pereira – cantarão uma música para nós termos a possibilidade de ilustrar aquilo que é a nossa vocação e aquilo que é a nossa missão. É uma missão futura. Mas, também, há aquilo que já foi concretizado no passado. Aqui está contida neste poema e na música um pouco da nossa história. O poema se chama Padre Missionário.

(Lê) *“Padre missionário
Ei-lo que vai passando pelas ruas
Calmo, sereno em seu burel vestido
É forte, acostumado a lutas cruas
Um outro Cristo nele é revestido*

*Quando atravessa a rua, a turma cala
Crianças correm para beijar-lhe as mãos
Dei-me um santinho, a meninada fala
Os velhos dizem, dei-me o seu perdão.*

*Veste marrom e, em volta da cintura
Traz uma corda branca e um terço ao lado
Salvar e levar a Cristo as criaturas
Este é o seu fardo, o seu maior cuidado.*

*Nada possui, nada do mundo almeja
Vai dando ao mundo tudo quanto tem
Só espera um prêmio após esta peleja
A vida eterna do supremo bem*

*Quando ele chega ao cume do calvário
Morre abraçando alegremente a sua cruz
Vai então a alma do padre missionário
Rindo feliz acordar nos braços de Jesus
Obrigado!”*

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Ouviremos, agora, a apresentação musical.

(Procede-se à apresentação musical.) (Muitas palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço às apresentações tanto da poesia como da música.

Registro, aqui, as presenças da professora Sílvia Galo, minha esposa, que, também, tem uma grande admiração pelos freis capuchinhos, pois, durante a sua vida, conviveu através da nossa militância política.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, concedo a palavra ao guardião do convento e representante, também, da Arquidiocese de Salvador, o frei Jorge Rocha.

Sinta-se à vontade. Acho que o frei não quer ir à tribuna para evitar qualquer confusão. (Risos)

O Sr. FREI JORGE ROCHA:- Porque se a gente tremer ali, ninguém vê, não é? Tranquilo!

Exmº. Sr. Dr. Marcelino Galo, em nome de quem saúdo as autoridades aqui presentes ou representadas. Rev.mº Pe. e Frei Liomar Pereira da Silva, nosso ministro provincial, em nome de quem saúdo todos os confrades aqui presentes. Srª. Georgina Araújo, em nome de quem saúdo os irmãos e as irmãs aqui e aqueles que nos veem pela *TV Assembleia*.

Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente que se tornaram inadiáveis, o Sr. Arcebispo me pediu que o representasse nesta sessão especial em comemoração aos 310 anos de construção da Igreja de Nossa Senhora da Piedade e que eu fosse o portador desta fala que, agora, lhes digo.

(Lê) “Esta Arquidiocese Primaz do Brasil agradece a Deus pela presença dos Frades Menores Capuchinhos e que ela seja uma presença reconciliadora no coração da cidade do Salvador, na Praça da Piedade; seja em função de colocar os inúmeros serviços prestados diante daquela comunidade.

E, ainda, faço memória dos inúmeros serviços prestados diante daquela

comunidade.

E ainda faço memória dos inúmeros serviços prestados pelos Frades Menores Capuchinhos na paróquia Nossa Senhora da Conceição de Valéria, no então leprosário de Águas Claras, e também naquelas ondas de Cajazeiras, onde os frades capuchinhos atuavam, através da memória afetiva de frei Benjamim Capelli e de todos os seus sucessores.

Atualmente, o Sr. Arcebispo faz memória do porto seguro para os pobres que acorrem à Igreja da Piedade, famintos do pão da palavra e, sobretudo, famintos pelo pão da Eucaristia, e ainda aqueles que recebem o pão maternal.

Pedi-me o Sr. Arcebispo para dizer que os frades capuchinhos continuem praticando aquilo que diz o papa Francisco: pôr-se a serviço dos pobres, à escuta do povo, à escuta de Deus, comunicar a verdade, comunicar a bondade e a beleza pessoalmente. Esta é a missão da Igreja.

Nesse sentido, São Francisco de Assis – os capuchinhos – ensinava ao mundo em cima do que pratica, pratica porque crê, crê porque recebeu do Senhor a vocação.

Avante, frades capuchinhos! Só mesmo no intuito de vocação pode se prestar o serviço qualificado ao povo de Deus e, por conseguinte, à cidade do Salvador.

“Espero”, disse o Sr. Arcebispo, “no dia 1º de agosto solenizar o decreto de elevação canônica à dignidade de Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Piedade essa igreja, e com esse gesto reconhecer o bem que os capuchinhos realizam há mais de três séculos nesta Arquidiocese Primaz”.

Que Deus abençoe os capuchinhos!

Por último, fica a marca do carinho dos capuchinhos pelos pobres, com trabalho realizado, com o famoso pão de Santo Antônio, ou pão dos pobres, que, além de evidenciar o trabalho religioso, é também uma forma de denúncia que diz: ainda existem muitos famintos em nosso meio, não obstante as nossas riquezas, inúmeras riquezas.

Portanto, o pão dos pobres é uma forma de denúncia, mas é também uma forma de anúncio para que vivamos a cultura da solidariedade, a cultura do respeito à dignidade humana divina, através da lógica do Evangelho.

Agradeçamos a Deus pela presença trissecular dos Frades Menores Capuchinhos nesta Arquidiocese de São Salvador da Bahia.

Resta-me, em nome do Sr. Arcebispo, pedir que Deus continue abençoando esses irmão menores e que, a exemplo de Francisco, vivam não apenas a paz e o bem, mas façam a paz e o bem acontecerem no cotidiano das suas ações.

Muito obrigado. (Palmas).

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): - Quero agradecer as palavras do frei Jorge Rocha. Ouviremos agora o nosso querido frei Cristóvão.

O Sr. FREI CRISTÓVÃO:- Quero agradecer pela gentileza, porque eu não estava programado. Mas, como faz parte do discurso do papa quebrar protocolo, o senhor não surpreende.

Obrigado, deputado Marcelino Galo, obrigado, nosso ouvidor-geral do Estado, que representa nosso querido governador Rui Costa, Yulo Oiticica. Obrigado pela homenagem que vocês estão prestando.

Como tão bem falou o frei Liomar, nosso querido provincial, mais do que recebê-la, vale merecê-la, e a província, a Ordem dos Capuchinhos, se faz presente nesta pequena porção do povo de Deus da Bahia e em Sergipe. Sentimo-nos sinceramente honrados pela singela homenagem de grandeza histórica, porque o dia 30 de junho de 2016 se tornará uma memória histórica para que nunca deixe de ser lembrado que a Igreja da Piedade, mais do que um espaço físico, existe no coração do povo baiano, dos brasileiros.

Muito obrigado de todo coração. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, frei Cristóvão. Ouvimos a música Irmão Sol, Irmã Lua e também a palavra do frei Jorge.

Quero dizer a todos que estamos com algumas iniciativas nesta Casa no sentido de regulamentar o uso de veneno na nossa agricultura. Hoje, o Brasil consome 20% do veneno produzido no mundo. Muitos países que fabricam esses princípios ativos foram proibidos de usá-los, incluindo os Estados Unidos, a União Europeia e a China. São países que têm culturas totalmente diferentes, tanto no que diz respeito à vida quanto no controle dos produtos produzidos, mas todos eles proibiram. No entanto, o Brasil continua utilizando esses princípios ativos; 22 dos mais usados no Brasil são proibidos em outros lugares do mundo. Nossa agricultura está numa situação de descontrole e descalabro em termos de envenenamento.

Encaminhamos um projeto a esta Casa no sentido de o Estado instituir uma política de apoio à agricultura orgânica, à agricultura agroecológica, que tem tudo a ver com as palavras do nosso São Francisco. Gostaríamos de contar com o apoio de vocês, através do abaixo-assinado eletrônico no *site* www.marcelinogalo.com, para que possamos pressionar esta Casa a fim a aprovar essas iniciativas.

E agora convido o frei Gregório para cantar a Ave-Maria.

O Sr. Frei Gregório:- Antes de cantar a Ave-Maria, gostaria de falar sobre a origem desse grande trecho musical conhecido e amado no mundo todo, sobretudo nas vozes masculinas dos grandes mestres que usaram muito essas coisas todas. E o autor não é um católico; Sebastian Bach, autor da Ave-Maria, era protestante. Alguém que viu um estudo sobre a fuga e todos aqueles que estudam o piano forte... E quase 2

séculos depois, o francês Gounod fez essa melodia lindíssima, que todo o mundo canta. E eu canto também há muito tempo.

Gostaria de que vocês desculpassem essa minha ousadia de dizer essas palavras. Nossos irmãos protestantes também amam a Nossa Senhora, porque é uma das obras mais bonitas entre as escritas por Sebastian Bach, que teve 20 filhos e todos eles foram compositores. Ele é o maior compositor do mundo, pelo que eu estudei. Aos protestantes, nossos irmãos, agradeço essas maravilhas que a arte trouxe para nós.

(Apresentação musical da Ave-Maria.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao frei Gregório por este momento de ternura, de paz no espírito, nem sempre possível nesta Casa. Obrigado a vocês por nos proporcionarem esses momentos.

Gostaríamos de retribuir e fazer uma homenagem em nome do nosso mandato e do deputado Yulo, convidando o frei Liomar, o frei Cristóvão, e também convidando Yulo, que será o homenageador, para oferecer a divulgação que nós enquadrámos para vocês guardarem para a vida e expor no convento.

(O Sr. Presidente e o Sr. Yulo Oiticica fazem a entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora, vamos ouvir a canção, a oração pela paz, pelos frades, por favor.

(Todos cantam a Oração de São Francisco.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): - Ouviremos o Hino da Bahia que é o Hino ao Dois de Julho. Sem dúvida nenhuma, precisamos muito porque aqui que se deu a liberdade a este País.

Então, nesse momento de golpe, viva o Dois de Julho!

Vamos ouvir o Hino da Bahia.

(Execução do Hino ao Dois de Julho.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Na verdade, estou triste por encerrar esta sessão, uma das sessões mais belas que tivemos aqui. Agora esta Casa entra em recesso e só voltamos no dia 1º de agosto.

Então, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos senhores e das senhoras, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.

Viva os Freis Capuchinhos! Viva a Igreja da Piedade! (Palmas, muitas palmas.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.